

## ELECTRA EM FOCO: AS TRÁGICAS CONSEQUÊNCIAS DE UM MATRICÍDIO

Mariana Adeline Bazotte de Mello (PIC/UEM), Prof. Luiz Carlos André Mangia Silva (Orientador), e-mail: mariana.abmello@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

**Área: Letras Subárea: Literaturas Clássicas**

**Palavras-chave:** tragédia grega, análise literária, personagem trágica.

### Resumo

É indiscutível a importância da Literatura Grega em toda a tradição literária, como também para diferentes áreas do saber. A tragédia grega, particularmente, exerceu influência determinante no desenvolvimento do teatro ocidental, não apenas enquanto gênero, mas pela série de personagens que, desde então, têm suscitado a atenção e o interesse de um grande público. O tema de Electra merece destaque: foi o único tratado pelos três grandes tragediógrafos gregos Ésquilo (*Coéforas*), Sófocles (*Electra*) e Eurípides (*Electra*), considerando o *corpus* de tragédias que subsistiram até nossos dias. Esse aspecto proporciona uma oportunidade única de comparação das características literárias de cada um dos trágicos. Nesse contexto, o presente projeto teve como principal objetivo analisar os desdobramentos das ações da personagem Electra, junto de seu irmão Orestes, nas obras dos três grandes trágicos gregos que trataram do mito, focalizando principalmente a figura da heroína e seu papel na consumação do matricídio.

### Introdução

A importância da Literatura Grega é evidente em toda a tradição literária, seja porque a maior parte dos gêneros encontrou na Grécia seu pleno desenvolvimento (como, por exemplo, a poesia épica, a comédia, o romance, entre outros), seja porque os temas tratados ali repercutiram nas mais diversas áreas do saber.

A tragédia grega, em particular, exerceu influência decisiva na formação do teatro ocidental. Desde Roma, apropriada por Sêneca, e posteriormente introduzida nas Letras Modernas pelo Renascimento, a tragédia nos moldes gregos constitui-se como o apogeu do teatro. E não só enquanto gênero, mas também por sua galeria de personagens que têm atraído diferentes olhares para si.

Os mitos, conhecidos por meio da tradição oral pelos gregos, serviam de conteúdo para o teatro. Nesse contexto, o tema de Electra se configura como o único tratado pelos três grandes tragediógrafos Ésquilo (*Coéforas*), Sófocles (*Electra*) e Eurípides (*Electra*), considerando o *corpus* de tragédias que subsistiram até nossos dias.

## Materiais e métodos

A partir da leitura de obras como a *Poética* de Aristóteles, *A personagem de ficção* de Antônio Candido, entre outras, analisamos as principais características do texto dramático. Em seguida, discutimos e analisamos as três peças que encenam o mito de Electra, focalizando a figura da heroína e seu papel na consumação do matricídio.

O cronograma de execução do projeto envolveu as seguintes etapas: i) leitura e fichamento das obras literárias e dos estudos; ii) análise do enredo e das personagens; iii) redação dos resultados e discussão.

## Resultados e Discussão

Em todas as versões do mito, a heroína, junto com seu irmão Orestes, é responsável por matar a mãe Clitemnestra, como forma de vingança pelo fato de a rainha ter, por sua vez, assassinado o marido Agamêmnon, quando de seu retorno de Troia. Entretanto, em cada uma das versões, o papel de Electra apresenta diferentes implicações.

A primeira variante da tragédia pertence a Ésquilo. A peça, denominada *Coéforas* e encenada em 458 a. C., corresponde à segunda tragédia da trilogia da *Oresteia* – composta ainda por *Agamêmnon* e *Euménides* – única trilogia temática remanescente do período clássico. Nessa peça, temos uma heroína que, apesar de apresentar os mesmos desejos de vingança junto ao irmão, mostra-se hesitante e dependente do posicionamento do grupo de escravas e Orestes. Essa característica pode ser explicada, talvez, pelo fato de Ésquilo estar interessado em enfatizar outras questões como a instituição de uma nova forma de julgamento, que é ilustrada, nas peças subsequentes, pela instauração do tribunal presidido por Atena.

De acordo com Pulquério (2012), um momento essencial para a análise da responsabilidade da heroína com relação ao matricídio é o *kommós*, isto é, o canto de lamento realizado por Orestes e Electra. Se consideramos que o *kommós* possui a função de elaboração da decisão final pelo matricídio, Electra teria um compromisso maior no assassinio, já que participaria do processo de deliberação em seu diálogo com o irmão. No entanto, essa interpretação nos parece questionável, já que seria necessário considerar motivações internas às personagens, enquanto que, em oposição, o teatro antigo exigiria a tradução dos sentimentos em palavras para torná-los acessíveis ao público. Dessa forma, julgamos mais satisfatória uma segunda interpretação, que considera que a decisão pelo matricídio já está tomada desde o princípio e que o *kommós* teria como papel a

manifestação e alinhamento do desejo dos irmãos. Nesse contexto, seria possível questionar se a participação de Electra é peremptória para a consumação da vingança. Será que Orestes vingaria a morte do pai na ausência da irmã?

Outra questão relevante é o fato de a atuação da heroína na consumação da vingança ser secundária no sentido de que não participa fisicamente da cena em que Orestes assassina Clitemnestra. Em Ésquilo, a presença de Electra na peça termina logo após o canto de lamento, assim que Orestes expõe seu plano. Electra não terá nenhuma fala até o final da encenação e nenhuma participação concreta no momento em que Orestes perpetra o matricídio. Seu nome, inclusive, não será sequer mencionado. No instante em que Orestes fraqueja diante das súplicas da mãe, será seu amigo Pílates quem o aconselhará a cumprir a ordem do oráculo. Essa questão é essencial para a análise da personagem de Electra em comparação com as outras versões da tragédia. Electra, em Sófocles e Eurípides, estará presente na cena do assassinio, instigando Orestes e até o auxiliando fisicamente a cumprir com o crime.

A segunda peça de que tratamos, a *Electra* de Sófocles, foi encenada pela primeira vez em meados de 415 a.C. A heroína sofocliana se define, principalmente, pela intensidade e obstinação com que enfrenta os infortúnios em decorrência da morte de Agamêmnon. Esse efeito é produto do desenvolvimento de uma tensão agonística entre as personagens, aspecto que acompanha outras obras do autor como, por exemplo, *Antígona*. Essa questão fica evidente logo no início da peça no momento em que Electra estabelece um diálogo com o coro – em Sófocles, composto por mulheres mais velhas. Os pontos de vista apresentados por cada um são fortemente antagônicos. O mesmo tipo de oposição acontece, na cena seguinte, entre Crisôtemis e Electra. A irmã aconselha prudência diante das adversidades e informa a heroína que, caso não mude sua atitude, será punida. Electra é inflexível diante da irmã e, posteriormente, é impetuosa ao impedi-la de realizar libações ao túmulo de Agamêmnon a pedido da mãe. Nesse contexto, o papel de Orestes parece ser ofuscado pelo temperamento intenso da protagonista.

É preciso considerar, ainda, que as personagens sofoclianas não apresentam dilemas com relação ao matricídio. Electra e Orestes permanecem impassíveis no posicionamento favorável a Agamêmnon e no propósito da vingança. Mesmo após a morte de Clitemnestra, não há espaço para arrependimentos, o drama termina quando Egisto adentra o palácio – a rainha já morta pelo filho – e encontra Orestes.

Finalmente, a terceira peça em discussão, a *Electra* de Eurípides, foi encenada na mesma década da versão sofocliana. Fato que gerou dúvidas com relação à precedência de cada uma das representações. Talvez em razão dessa proximidade temporal, parece haver uma maior comparação entre as duas *Electra(s)*, do que com as *Coéforas* de Ésquilo.

Segundo Vieira (2009), Eurípides é um poeta moderno e inovador cujas cenas e personagens criadas se aproximam da realidade. Essa característica é perceptível pela representação humana da heroína. O

tragediógrafo enfatiza sua situação física e material: a filha de Agamêmnon está fraca, abatida, com os cabelos ralos – assim como as escravas troianas – e, além disso, foi dada em casamento a um camponês e vive em uma choupana.

Além disso, sua personalidade, assim como em Sófocles, é bastante energética. A heroína euripidiana participa de forma ativa no planejamento da vingança contra a mãe. No entanto, o ápice de seu comportamento obstinado ocorre no momento da consumação do crime. A Electra de Eurípides – ao contrário das outras versões – terá uma participação física na morte de Clitemnestra. Assim, da mesma forma que em Sófocles, a figura de Orestes parece ser ofuscada diante da personalidade vigorosa da irmã.

## Conclusões

Aquilo que é central no episódio dos Atridas é mantido em cada uma das peças, ou seja, em todas as versões os filhos vingam a morte do pai matando a própria mãe. Entretanto, cada um dos tragediógrafos apresenta o mito de maneira particular. Nesse contexto, a personagem Electra é retratada de formas distintas nas três obras, principalmente no que diz respeito ao seu papel – ora mais central, ora mais secundário – na concretização do matricídio. Além disso, a questão do arrependimento e da culpa de Electra e Orestes se configuram de maneiras distintas nas obras em análise.

## Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EURÍPIDES. **Alceste/Electra/Hipólito**. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

PULQUÉRIO, M. O. Introdução. In: ÉSQUILO. **Oresteia**. Introdução, tradução do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2012.

VIEIRA, T. Introdução. In: SÓFOCLES, EURÍPIDES. **Electra(s)**. Tradução do grego: Trajano Vieira. 1.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.